

SUBSÍDIOS NEUROLINGÜÍSTICOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE O ESTATUTO DA FONÉTICA NA LINGUAGEM

Letícia Maria Machado Arruda

Orientadora: Prof.^a Dra. Margareth de Souza Freitas Thomopoulos

Resumo: Este trabalho tem como objetivo revisitar a problematização do lugar da fonética na linguística pelo viés da Neurolinguística. A partir de uma breve revisão de literatura da área, busca-se angariar subsídios da Linguística e da Neurolinguística para a compreensão das conceituações envolvendo aspectos fonéticos da linguagem. Os dados bibliográficos levantados deixam entrever uma relutância em se atribuir à Fonética seu lugar linguístico.

Palavras-chave: Fonética, Apraxia da fala, Afasia Fonética

1- Introdução

Na área dos estudos linguísticos, parece ser consensual o pressuposto de que a linguagem pode ser estudada a partir de níveis linguísticos. Essa realidade, em certa medida, parece não ser apenas um artefato engendrado para facilitar o trabalho dos linguistas, já que os próprios estudos da correlação cérebro/linguagem atestam a existência de áreas cerebrais com alguma especialização de processamento que remetem aos níveis linguísticos. Assim, lesões mais posteriores do hemisfério esquerdo gerariam problemas de compreensão da linguagem, envolvendo prioritariamente o nível semântico; lesões das áreas pré-frontais acarretariam problemas fonético-fonológicos etc.

No entanto, a própria compreensão do que seja a linguagem humana pode definir não só uma maior ou menor interação entre os níveis linguísticos, mas a própria legitimação de certos níveis. Assim, poderíamos assegurar ser consensual a existência dos níveis fonológico, sintático e semântico. No entanto, o mesmo consenso não existe em relação aos níveis fonético, morfológico e pragmático.

Nesta pesquisa, de cunho exploratório, focaremos no nível Fonético, buscando levantar argumentos advindos prioritariamente da Neurolinguística em favor do caráter linguístico da fonética e, por outro lado, analisando algumas classificações de quadros nosológicos a fim de explicitar o que subjaz a essas classificações em termos de compreensão do papel da fonética na constituição da linguagem.

Inciaremos com breve apresentação do percurso de incorporação do termo Fonética à Linguística, passando pelas diferenças de interpretação das relações entre Fonética e Fonologia. Na sequência, faremos uma incursão pela área da Neurolinguística no que se refere a análises de quadros que envolvam aspectos fonéticos (fonoarticulatórios), dando especial enfoque ao quadro da chamada “apraxia da fala”. Finalizaremos com uma discussão que problematiza o lugar da fonética na linguagem.

2- A Fonética na Linguística

Provavelmente devido ao seu caráter naturalístico, até o Círculo Linguístico de Praga, a Fonética não tinha um lugar na Linguística, mas era considerada apenas como uma disciplina auxiliar. Após a publicação, em 1939, da obra póstuma de Trubetzkoy: *Princípios de Fonologia*, esta passou a ser reconhecida como a ciência dos sons da fala, ao lado da Fonologia, que seria a ciência dos sons da língua.

Para Trubetzkoy, o fonema não era o equivalente psíquico do som, como propunha Baudouin de Courtenay. Segundo sua análise, os sons seriam fenômenos psicofísicos e não entidades puramente físicas. Assim, não seria o seu caráter puramente psíquico que distinguiria o fonema do som, mas sua característica distintiva, ou seja, o seu valor linguístico. (TRUBETZKOY, 1981, p. 16-17)

Com efeito, na visão de Trubetzkoy, a fonologia não se ocuparia dos sons, mas dos elementos imateriais que constituem o significante: os fonemas. Para ele, a Fonética procuraria descobrir o que de fato se pronuncia ao falar uma língua, enquanto a Fonologia se ocuparia do que se crê pronunciar. A Fonética pertenceria, então, à linguística da fala, e a Fonologia comporia a linguística da língua. (Idem, *ibidem*, p. 19)

Desse pensamento de Trubetzkoy, que considerava a Fonética e a Fonologia como disciplinas distintas, infere-se a consideração de que ambas têm um estatuto linguístico.

No que tange aos primitivos dessas áreas, todos os modelos fonológicos que se seguiram à proposta de Trubezkoy tinham como primitivos da Fonologia os fonemas ou os traços distintivos, tanto de base articulatória quanto de base acústica, e mantinham a distinção entre a Fonética e a Fonologia. No entanto, na década de oitenta do século passado, surge uma nova proposta: a Fonologia Articulatória, proposta por Browman & Goldstein (1989). A partir de uma revisão radical dos modelos vigentes e da constatação de que esses não davam conta de explicar processos fônicos gradientes, envolvendo inclusive as várias co-articulações que ocorrem na produção da fala, os autores propõem um novo primitivo para a fonologia: o gesto articulatório, isto é, a representação fonológica de todas as manobras articulatórias necessárias para se realizar um determinado som da fala. (cf. SILVA, 2003, p. 322)

Silva (op. cit), na apresentação que faz do modelo, comenta:

Ao mesmo tempo em que é um primitivo dinâmico, o gesto também se constitui uma unidade discreta. [...] Os autores (Browman & Goldstein) argumentam que os gestos articulatórios surgem na fala de uma criança, antes do desenvolvimento linguístico – [...] mesmo no balbúcio [...] já é possível identificar os gestos articulatórios. Citando um exemplo de Ferguson & Farwell (1975, apud Browman; Goldstein, 1989), sobre várias tentativas de uma criança para produzir a palavra inglesa pen, Browman & Goldstein notam que, embora a criança não produza a palavra em si, os gestos articulatórios presentes nos enunciados tentativos são os mesmos presentes em pen. Para que a criança produza pen, ou qualquer outra palavra, como na fala adulta, são necessários dois passos, segundo os autores: a) diferenciação e ajuste dos gestos individuais. Ou seja, a partir de um único gesto, mais geral, que serve para produzir tanto oclusivas, como fricativas ou aproximantes, a criança, em fase de aquisição, deve aprender a distingui-los e contrastá-los também no grau de constrição;¹⁴
b) coordenação dos gestos individuais, pertencentes a uma palavra, quer dizer, não basta que a criança consiga produzir todos os gestos de uma palavra, [...] É preciso também que a criança os coordene, para produzir a própria palavra. (cf. SILVA, op. Cit., p. 328)

Como se pode depreender, para a Fonologia Articulatória, os aspectos fonéticos da produção da fala resultam de um cálculo que o falante executa para coordenar e sincronizar os movimentos dos articuladores para constituir o gesto articulatório linguístico, visando a constituição dos signos

linguísticos: os itens lexicais. Tais gestos não são aleatórios, mas reproduzem padrões gestuais aprendidos, portanto, simbólicos. E esse simbólico, naturalmente, é da esfera do linguístico.

Embora atualmente os estudos em Fonética tenham evoluído muito em termos de tecnologia, permitindo análises precisas e acessíveis por meio de softwares de análise acústica da fala, por exemplo, academicamente, a área ainda parece não ser considerada com a devida relevância.

Em entrevista dada em 2006 à Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Luiz Carlos Cagliari, respondendo à pergunta sobre o fato de a Fonética não constituir uma disciplina independente nos cursos de graduação, conclui:

[...] nossos pares (será?) acham que a Fonética é algo menor, secundário ou até mesmo descartável. Todos esses fatores têm contribuído para uma enorme diminuição na formação e na atuação de foneticistas entre nós. Finalmente, os grupos que trabalham com línguas indígenas mantêm uma prática descritiva com suporte imprescindível da Fonética. (Cagliari, 2006, p. 3, grifo nosso)

Já a compreensão desse proeminente foneticista brasileiro sobre interfaces da Fonética com outras subáreas da Linguística é a seguinte:

[...] Obviamente, a grande preocupação da Fonética é com o sistema da língua e, nesse sentido, as pesquisas fonéticas, mesmo estando ligadas a áreas extralingüísticas, passam por uma re-interpretação fonológica e de outras áreas da Linguística e não acabam fora dos estudos lingüísticos. Nesse sentido, a ação dos engenheiros de sons não pode ser considerada uma atividade lingüística. Não há um retorno devido, a partir do trabalho de engenharia, para a descrição lingüística das línguas. Os aparelhos enganam mais do que descrevem. Quem interpreta é o ouvido e a mente humana tendo, no sistema da língua, seu programa interpretativo, não nos programas das máquinas, pelo menos de acordo com o estado atual das investigações. (Idem, Ibidem, p. 6, grifos nossos)

Para além da percepção de que a Fonética de certa forma ainda é relegada a um segundo plano no rol dos estudos linguísticos, a avaliação de Cagliari (op. Cit.) deixa entrever sua compreensão do caráter simbólico (linguístico) dos aspectos fonéticos da língua, quando interpretados sistematicamente (pelo ouvido e pela mente humana).

Após essas considerações iniciais, que buscaram contextualizar minimamente a Fonética em suas relações com a Fonologia e com o próprio sistema linguístico, passamos a contemplar o lugar da Fonética na Neurolinguística.

3- A Fonética na Neurolinguística

Em reflexão publicada por Morato e Freitas a partir de um estudo de caso de disprosódia (1993), as autoras discutem o papel da prosódia no contexto neurolinguístico. Os aspectos suprasegmentais da linguagem, também conhecidos como prosódia, grosso modo, englobariam os elementos fonéticos que compõem o ritmo e a entoação da linguagem. Assim, entrariam em jogo parâmetros acústicos como o pitch (altura), a amplitude (intensidade) e a duração.

Classicamente, em termos cognitivos, se busca alocar a entoação sob o controle do hemisfério cerebral direito (mais “musical”), enquanto o ritmo seria comandado pelo hemisfério esquerdo (mais “propriamente linguístico”). No entanto, as autoras apontam que “A despeito da asserção clássica de que lesões do hemisfério esquerdo perturbam o tratamento da informação fonológica enquanto as do hemisfério direito, os elementos fonético-acústicos da fala, a disprosódia tem sido incluída na constelação semiológica das afasias [...]” (MORATO e FREITAS, 1993, p.2).

Aqui as autoras dão pistas de que há controvérsias sobre o papel dos hemisférios cerebrais no processamento dos aspectos linguísticos. A julgar pelos estudos sobre plasticidade cerebral e sobrerredes neurais, de fato, cada vez mais se levantam dados que abalam o localizacionismo estrito nas relações entre cérebro e linguagem. Com efeito, se, como diria Luria, um dos precursores da moderna Neuropsicologia, tanto o cérebro quanto a linguagem atuam como sistemas funcionais complexos, então, embora o hemisfério esquerdo possa ser predominante para a linguagem (nos destros), não se pode negar a participação do hemisfério direito assim como dos lobos frontais na performance linguística.

Luria buscou dissolver qualquer tese que não considerasse uma continuidade funcional entre os aspectos da sensoriomotricidade e os da cognição, questionando, de certa forma, a antinomia sensório/motor, que abarca outras oposições, como articulatório/fonológico, na descrição das

afasias, ao afirmar que a atividade motora da fala não deveria ser comparada a qualquer outra atividade motora, mas considerada inerente às funções da linguagem. (idem, ibidem, p.163)

Em sua análise, as autoras consideram que uma das nebulosas teóricas da Neurolinguística é decorrente do fato de que:

a inserção irreduzível da prosódia na linguagem defronta-se com o pressuposto gerativista clássico acerca da modularidade da mente e com a questão da lateralização hemisférica para a linguagem, que limitam e hierarquizam fortemente os processos linguístico-cognitivos e fundamentam muitas das dicotomias clássicas. (idem, ibidem, p.172)

Tais nebulosas citadas pelas autoras envolvem o papel desempenhado pelo hemisfério direito nas funções da linguagem, o estatuto linguístico da prosódia, o significado dos parâmetros fonético- acústicos e sua correlação com os níveis linguísticos e com os aspectos enunciativo-discursivos.

Freitas (1997) também problematizou algumas fortes dicotomias sobre as quais se fundou a Afasiologia moderna. Em sua tese de doutorado, a autora promoveu uma discussão a respeito de questões terminológico-conceituais envolvendo as chamadas “alterações fonoarticulatórias” adquiridas. Alguns pontos dessa discussão serão apresentados a seguir.

No que se refere às chamadas afasias de expressão verbal reduzida, a autora chama a atenção para o fato de que no interior dos estudos afasiológicos, é a dicotomia motor/sensorial que sustenta sua classificação, inclusive a distinção luriana entre a afasia motora eferente e aferente¹. Mesmo de um ponto de vista mais linguístico, impresso pela contribuição de Roman Jakobson para a classificação das afasias, essa dicotomia é recuperada pela antinomia codificação/decodificação.

De toda forma, apesar das limitações impostas pelas fortes dicotomizações da concepção estruturalista de linguagem, Jakobson muito contribuiu para a compreensão linguística das afasias,

¹ O que subjaz à proposta de Lúria para esse tipo de afasia é a existência, para todos os tipos de movimento, de uma base neurológica aferente e eferente. [...] Assim, segundo Lúria, se a base eferente é perturbada, como ocorre nas afasias motoras eferentes ou cinéticas, o paciente é incapaz de fazer as suaves transições motoras de uma articulação para outra, que são necessárias a fim de produzir a palavra desejada, e, conseqüentemente, irá repetir desesperadamente o segmento inicial.[...] Já o problema essencial da afasia motora aferente consistiria nas substituições de articulações isoladas. (FREITAS, op. cit., p.22)

na medida em que considera que, por serem perturbações da linguagem, devem ser descritas a partir da descoberta dos aspectos da linguagem que são prejudicados nos diferentes quadros:

Cabe à Lingüística, ciência que se interessa pela linguagem em todos os seus aspectos — *pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução* —, interpretar e sistematizar os dados clínicos referentes aos diversos tipos de afasia, aplicando critérios puramente lingüísticos, contribuindo, assim, de modo substancial, para a ciência da linguagem e das perturbações da linguagem (JAKOBSON, 1973, p.34)

Os dados analisados por Freitas (op. cit.) foram majoritariamente de afasias² motoras, mas a autora mostra que, além desses quadros afásicos em que ocorrem variadas manifestações de alterações linguísticas relativas aos aspectos fonético e fonológico, há também casos em que a produção verbal do sujeito apresenta alterações de ordem ártrica (disartrias) ou práxica (apraxias), com inegáveis repercussões na produção da linguagem, ou seja, em seu aspecto fonético.

Segundo o Manual de Neuropsicologia de Barbizet & Duizabo, as disartrias são distúrbios [...] relacionados a lesões do aparelho fonador ou das vias nervosas que ligam o aparelho fonador aos centros corticais da linguagem. Dentre elas, cita as disartrias paralíticas por lesão do neurônio motor central ou periférico; as disartrias parkinsonianas por lesão dos núcleos cinzentos centrais; as disartrias cerebelares por lesão do cerebelo (cf. Barbizet & Duizabo, 1985, p. 37).

Em relação à performance linguística do disártrico, Susan Huskins (1986, apud FREITAS, op. Cit.p. 36) afirma que, “na disartria, a linguagem está intacta e somente a produção da fala está perturbada; mas, em alguns casos, vários dos mecanismos da fala estão envolvidos, necessitando atenção à performance respiratória, fonatória, ressonatória e articulatória, isto é, respiração, voz, nasalidade e fala.”

De fato, os problemas fonoarticulatórios devidos à disartria são decorrentes de acometimentos dos articuladores que envolvem a produção da fala, tais como língua, lábios, úvula, prejudicando sua

² A afasia se caracteriza por alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (incluindo aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação. (COUDRY, 1988, p. 5)

mobilidade e produzindo efeitos na fala, como lentificação ou hipernasalidade, por exemplo. Portanto, é justa a afirmação de Huskins de que, nesses quadros, “a linguagem está intacta”, pois as repercussões articulatórias pela falta de tônus muscular dos articuladores ocorre não apenas na fala, mas em qualquer gesto articulatório que envolva a movimentação dos articuladores (assoviar, mandar beijo, estalar a língua etc).

Nesse mesmo raciocínio, entram os problemas decorrentes das apraxias que acometem os gestos articulatórios produzidos pelo aparato buco-lábio-lingual. Susan Huskins classifica como *Apraxiabuco-facial* uma forma de apraxia que afeta a habilidade de imitar ou executar comandos, movimentos faciais e orais. Tais movimentos ocorrem muito normalmente em situações espontâneas (ex.: o paciente pode sorrir, franzir as sobrancelhas, mastigar, engolir ou assobiar em situações contextualizadas), mas estas mesmas atividades não podem ser produzidas voluntariamente. (Huskins apud FREITAS, op. cit., p. 39)

Este quadro se distingue da disartria porque as repercussões da apraxia na fala mostram uma instabilidade nos tipos de problemas articulatórios. Isso se deve ao fato de que o problema subjacente à apraxia não está no controle dos articuladores, mas na coordenação dos movimentos dos vários articuladores para compor os gestos. Essa diferença repercute inclusive na abordagem terapêutica, já que, no caso da disartria, uma intervenção clínica que trabalhe motoricamente a inépcia dos articuladores poderia ser eficiente, pois um problema de movimento isolado (não-simbólico) se pode tratar isoladamente, o que não ocorre com a apraxia.

Na tese de Freitas (op. cit.), é discutido o estatuto da apraxia na constituição dos problemas fonoarticulatórios. A autora considera a apraxia como um problema de coordenação de movimentos na composição de gestos voluntários aprendidos (e, portanto, simbólicos). Em vista disso, conclui que a distinção entre Afasia e Apraxia, como duas das três grandes síndromes do Sistema Nervoso Central³ tem uma realidade neurofisiológica e neuropsicológica inegável. Contudo, a autora pontua:

³ Na concepção luriana, afasia, agnosia e apraxia compõem as três grandes síndromes do SNC, sendo que a praxia é também uma das funções cognitivas superiores, juntamente com a memória, a gnose, a linguagem etc.

quando entramos no campo da linguagem - essa atividade constitutivamente humana, que convoca propriedades de vários domínios, como o biológico, o cognitivo, o sociocultural, e que se apresenta na forma de sons articulados-, o que era da ordem do prático passa a ser parte do componente Fonético da linguagem, constituído por sua forma fônica. (FREITAS, op. cit., p. 205)

Essa ponderação da autora remete à chamada apraxia da fala, quadro a que dedica especial atenção.

3.1. Apraxia da fala

Darley et al. (1975), ao passarem em revista as descrições de quadros com comprometimento articulatorio que apareceram na literatura (anartria, afemia, disartria cortical, afasia motora sub-cortical etc.), concluíram que havia ainda uma outra síndrome que não fora descrita. Esta, denominada “apraxia da fala”, se distinguiria tanto da disartria quanto da afasia (Darley et al., op. Cit., p. 262, apud FREITAS, op. Cit., p. 47). Ademais, como sugerido pela própria denominação, o quadro se distinguiria também das demais apraxias buco-lábio-linguais ou buco-faciais, em que há problemas de coordenação para qualquer gesto articulatorio envolvendo os articuladores do aparelho fonador. Isto é, seria uma apraxia privativa da fala.

A definição dada por Darley et al. (op. Cit.) é de

uma desordem da programação da fala motora manifestada primariamente por erros de articulação e, em segundo lugar, por alterações compensatórias de prosódia. O falante mostraria eficiência reduzida na realização das posturas orais necessárias para a produção dos fonemas e assequências dessas posturas para a produção das palavras. A desordem seria frequentemente associada à afasia, podendo, contudo, ocorrer isoladamente (Darley et al., op. Cit., apud FREITAS, op. Cit. p. 47).

Já Martin (1974) considera esse quadro “como uma desordem ou perturbação que remete a todo o sistema de linguagem, mais do que um prejuízo isolado dos movimentos motores envolvidos na fala.” (Martin, op. cit., apud CATRINI, op. cit., p. 34). O autor sugere a troca do nome “Apraxia da Fala” por “Distúrbio Fonológico Afásico”, por considerar que a produção da fala não é apenas

gesto motor, mas trata-se de um fator linguístico. Martin é destacado na tese de Catrini, por ser o primeiro que

aponta para o outro lado da moeda das “Apraxias de fala”, qual seja, a possibilidade de virar o discurso, de privilegiar argumentos linguísticos - argumentos que são desenvolvidos por fonologistas e foneticistas e também por fonoaudiólogos que fizeram da fala e dos problemas de pronúncia sua questão maior. (Martin, 1974, apud CATRINI, op. cit., p. 34)

No que tange ao “output”, isto é, ao resultado linguístico gerado pela apraxia da fala, Cera & Ortiz (2008), a partir de análise fonológica dos erros (por substituição e omissão de segmentos) presentes na fala de 20 adultos falantes nativos de português brasileiro com esse diagnóstico, obtiveram os seguintes resultados:

alguns dos fonemas mais freqüentemente acometidos pelos erros de fala dos apráxicos falantes da língua portuguesa (/b/, /λ / e /ʒ /) revelaram diferença dos achados de estudos internacionais. Conclusão: verificou-se que os erros presentes na fala dos indivíduos com apraxia de fala parecem sofrer interferência específica da língua, uma vez que os fonemas mais freqüentemente produzidos com erro diferiram dos descritos em estudos internacionais. (CERA & ORTIZ, 2008, p. 1 grifo nosso)

A partir desses resultados de Cera & Ortiz (op. cit.), pode-se inferir que os problemas fonéticos (articulatórios) característicos da chamada apraxia da fala não são “meramente motores”, mas simbólicos, porque culturalmente determinados. Por conseguinte, esse tipo de estudo fornece suporte empírico para a defesa da tese de Luria de que a conduta motora no interior da linguagem não é comparável a qualquer outra conduta motora, mas inerente ao sistema linguístico e, por conseguinte, os aspectos fonéticos da linguagem seriam tão linguísticos quando os aspectos fonológicos.

Como ponderado por Freitas (op. Cit.),

o problema do estatuto conceitual do quadro denominado “apraxia da fala” acabaria por cair no vazio diante da percepção de que a apraxia tem um estatuto linguístico quando se trata da coordenação de movimentos para compor os gestos da fala. Portanto, a chamada “apraxia da fala” seria “um legítimo problema linguístico”, de nível fonético. O termo “práxico”, neste

caso, segundo a autora, seria não apenas desnecessário, mas inapropriado.(FREITAS, op. Cit, p. 205)

Revisando a literatura sobre as apraxias, Catrini (op. Cit.), mais de três décadas após a crítica de Martin à conceituação do quadro da apraxia da fala e após uma década e meia após a análise de Freitas (op. cit.), constata: “Basta percorrer com um pouco de atenção a literatura desse campo para verificar que ali não há unanimidade.” (CATRINI, op. cit., p.2)

4- Discussão à guisa de conclusão

O caráter coadjuvante ou auxiliar atribuído à Fonética no rol dos níveis/estudos linguísticos é paralelo ao que ocorre com a Pragmática na linguagem. Mesmo após evidências científicas de que os lobos frontais desempenham um papel linguístico importante (ALEXANDER, 1989, GANDOLFO, 1994), inclusive referendadas por análises de correlações entre disfunções desses lobos e problemas com as funções executivas, com as habilidades de elaborar inferências e de reconhecer ironias em casos de Síndrome do Espectro Autista (OZONOFF, 1995), o nível pragmático da linguagem é visto, de certa forma, como parte do nível semântico.

A partir da breve apresentação que fizemos das questões suscitadas por quadros neurolinguísticos no que tange ao lugar dos aspectos fonéticos na semiologia dos problemas fonoarticulatórios, esperamos ter servido para ilustrar que os estudos sobre problemas fonéticos encontrados na fala de sujeitos cérebro-lesados ainda são dominados por uma mentalidade positivista, advinda da área médica e das fortes dicotomias que caracterizam a Neurofisiologia, a Neuropsicologia e, mesmo, a Linguística de base estruturalista.

Essa supremacia é evidenciada nas terminologias utilizadas para conceituar os quadros e em uma visão mecanicista de linguagem, que não distingue, por exemplo, a sensório-motricidade para a linguagem de outras condutas articulatórias. É o que ocorre quando se reluta em atribuir o status de afasia ao quadro denominado “apraxia da fala”. No entanto, em uma perspectiva linguística, o aspecto práxico, isto é, a coordenação de movimentos para compor gestos cujo valor simbólico é da esfera da linguagem, seria, isto sim, de natureza “fásica”, e a sua perturbação engendraria uma afasia de tipo fonético.

No dizer de Freitas (op.cit.):

Ao passar da constituição de gestos aprendidos (e, portanto, simbólicos), como assobiar, gargarejar, mandar beijo ou fazer mímica facial, para a esfera lingüística, em que o simbólico tem seu estatuto próprio, independentemente da concepção de linguagem que se tenha (deparando-se agora com as dicotomias lingüísticas: “língua/fala” ou “competência/desempenho”, e não mais com aquelas propostas pela neurofisiologia e neuropsicologia: “motor/sensorial”, “práxico/fásico”, “automático/voluntário”), o estatuto do gesto articulatório é então da ordem do lingüístico [...] (FREITAS, op. cit., p. 205)

Em outras palavras, uma coisa é se empregar o termo apraxia para denominar as dificuldades de coordenar os movimentos dos articuladores para compor gestos articulatórios que não façam parteda linguagem (apraxia buco-lábio-lingual). Outra coisa é usar o mesmo termo para se referir a dificuldades articulatórias que ocorram apenas para gestos da fala (apraxia da fala). Ora, afasia é justamente a denominação para problemas envolvendo os vários níveis da linguagem. Então, se os aspectos fonéticos da produção da fala fossem considerados legitimamente lingüísticos, isto é, se a Fonética tivesse status de nível lingüístico, um tal quadro como esse da chamada “apraxia da fala” deveria caracterizar, isto sim, uma “afasia fonética”.

No entanto, como procuramos mostrar aqui, não é o que ocorre. Para além do fato de a área da Neurolingüística ser dominada por profissionais da área médica, está a própria constatação de que não há consenso entre os próprios linguistas sobre o estatuto lingüístico da Fonética. Para o momento, a conclusão a que chegamos é de que parece que a Fonética, como a Pragmática, seria apenas mais uma lata de lixo da lingüística. Assim, quando a Semântica não dá conta de explicar algum fenômeno complexo envolvendo o sentido, descarta-se esse fenômeno na lata de lixo da Pragmática. Do mesmo modo, quando a Fonologia não consegue abarcar fenômenos “exóticos” relativos à constituição da forma fônica da linguagem, rotula-os como “idiossincrasias ou, mesmo, excrescências fonéticas”.

Referências

ALEXANDER, M. P., BENSON, D. F.; SRUSS, D. T. Frontal lobes and language. **Brain and Language** 37, p. 656-691, 1989.

BROWMAN, C. P.; GOLDSTEIN, L. Articulatory gestures as phonological units. **Phonology** 6, p. 201-251, 1989.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética: uma entrevista com Luiz Carlos Cagliari. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 4, n. 7, agosto de 2006. [www.revel.inf.br].

CATRINI, Melissa. **Apraxia: a complexa relação entre corpo e linguagem**. 2011. 136 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011, p 1-30.

CERA, M. L.; ORTIZ, K. Z. Análise fonológica dos erros da apraxia adquirida de fala. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. 2009 abr-jun;21(2):143-8.

COELHO, O.; OLIVEIRA, K. G. S.; PRAIS, F. Notas sobre a história recente da fonética no Brasil. **Revista Letras**. Curitiba, ufpr, n. 104, pp. 145-163, 2021.

COUDRY, M. I. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FREITAS, M. de S. **Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: um estudo linguístico**. (Tese de Doutorado em Linguística/Área de Neurolinguística) – Universidade Estadual de Campinas. 1997. 243f.

GANDOLFO, M. C. Síndrome frontal (leve) ou afasia semântico-pragmática: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. 125 p.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**: Editora Cultrix, São Paulo, 1973.

MORATO, E. M.; FREITAS, M. S. F. Algumas questões sobre prosódia no contexto neurolinguístico. **Cadernos de Estudos Linguístico**, 25. Campinas, pp. 161-173, 1993.

OZONOFF, S. E. Executive Functions in Autism. In: SCHOPLER et al.(eds.). **Learning and Cognition in Autism**: Springer SciOZZence+Business Media, New York, 1995.

SILVA, A. H. P. Pela incorporação de informação fonética aos modelos fonológicos. **Revista Letras**, Curitiba, n. 60, p. 319-333, jul./dez. 2003.

TRUBETZKOY, N. S. A Fonologia atual. In: Dascal, M. (org). **Fundamentos metodológicos de linguística**. Fonologia e sintaxe. v. 2. Campinas, 1981.

VAZ, E. R.; FONTES, S. V.; FUKUJIMA, M. M. Testes para Detecção de Apraxias por Profissionais da Saúde. **Revista Neurociências**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 136–139, 1999.

CAMINHA, L. dos S.; JUNIOR, A. M. Afasia pragmática: cérebro, linguagem e comunicação. **Muitas Vozes**. Ponta Grossa, v. 10, p. 1-17, 2021. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes> . Acesso em: 26 jan 2023.